

ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTITUIÇÃO DA INFÂNCIA EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS

Thays Emmanuelle da Silva Barbosa

Nádia Jane de Sousa (orientadora)

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

thays_emanuele@hotmail.com

janenadia@gmail.com

RESUMO: O presente artigo aborda as rotinas na educação infantil, enquanto responsáveis por apresentar uma determinada concepção de criança e infância na atualidade. O nosso trabalho foi desenvolvido a partir da experiência que obtivemos no programa institucional de bolsas de extensão – Probex, especificamente no projeto Planejamento na Educação Infantil: uma construção coletiva, em creches e pré-escolas de João Pessoa - PB. O objetivo central desse texto é buscar compreender como as rotinas vêm influenciando na constituição da infância. O texto está organizado em duas partes: na primeira discutimos a infância na atualidade, traçando historicamente seu processo de construção. Tal discussão nos dá o suporte para compreendermos as rotinas criadas nas Instituições destinadas ao atendimento de crianças de 0 a 5 anos, como estão distribuídos o tempo e o espaço nessas unidades educacionais. Concluimos apontando a necessidade de se rever o cotidiano de nossas creches e pré-escolas. Nossos estudos estão ancorados especialmente nas reflexões trazidas por Sarmiento e Barbosa, entre outros.

Palavras chaves: Rotinas. Educação Infantil. Infância.

RESUMEN: Este artículo aborda las rutinas en la educación de la primera infancia, mientras que el responsable de la presentación de una determinada concepción del niño y de la infancia en la actualidad. Nuestro trabajo se desarrolla a partir de la experiencia que hemos adquirido en la extensión del programa de becas institucional - Probex, específicamente en la planificación de proyectos en la educación de la primera infancia: una construcción colectiva, guarderías y centros preescolares en João Pessoa - PB. El objetivo central de este trabajo es tratar de entender cómo las rutinas han influido en la constitución de la infancia. El texto está organizado en dos partes: en primer lugar discutimos la infancia hoy, históricamente trazando su proceso de construcción. Tal discusión nos da el apoyo para comprender las rutinas creadas en las instituciones diseñadas para servir a los niños de 0-5 años de edad, ya que se distribuyen a través del tiempo y el espacio en estas unidades educativas. Llegamos a la conclusión de que la necesidad de revisar la vida cotidiana de nuestros jardines de infantes y preescolares. Nuestros estudios están anclados en reflexiones particulares presentadas por Sarmiento y Barbosa, entre otros.

Palabras clave: Rutinas. Educación de la primera infancia. Niñez.

INTRODUÇÃO

O presente artigo discorre acerca das rotinas nas creches e pré-escolas, apresentando-as enquanto elemento importante na constituição da infância na atualidade. Tal trabalho é fruto de discussões desenvolvidas no Projeto “Planejamento na educação infantil: uma construção coletiva”, em creches e pré-escolas de João Pessoa – PB”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PROBEX), da UFPB. O objetivo central deste texto, portanto, é buscar compreender como as rotinas vêm influenciando na constituição da infância, tendo em vista que o modo como o tempo e o espaço nas instituições de Educação Infantil são organizados e distribuídos, denotam uma forma de entender a criança e a infância nos seus modos de agir enquanto sujeitos históricos e sociais.

Não é propósito desse trabalho apresentar a infância enquanto estritamente vinculada aos espaços institucionalizados que frequenta (nesse caso as creches e pré-escolas), nem tampouco afirmar que nesses espaços as crianças aí presentes sejam passivas mediante suas formas de organização. Para além do controle e disciplina exigidos para a educação da infância na atualidade, é sabido que a criança interage com diferentes ambientes educadores como a internet, a televisão, os jogos a que tem acesso, o bairro onde mora, e nesses espaços diferenciados interage, constrói suas próprias representações, dão sentidos, ressignificam, vivenciam diferentes infâncias.

Contudo, em que pese a compreensão da existência de outros tempos e espaços da infância, nos interessa de perto nesse trabalho, o seu processo de institucionalização através das rotinas nas creches e pré-escolas que trazem em seu bojo, conforme assinala Barbosa (2006), uma “simbologia sociocultural”, fruto da sociedade em que está inserida. Dessa forma, na atualidade tais lugares constituem-se em espaços de “controle e regulação”, mas também construtores de subjetividades e portanto, de formação humana.

Para discorrermos acerca das questões apontadas, mesmo que de forma breve, esse texto está dividido em duas partes, onde na primeira discutiremos alguns aspectos (históricos, sociológicos e antropológicos) da constituição da infância; tais enfoques servirão de subsídios para apresentarmos as rotinas, em seus modos de organizar o trabalho pedagógicos das Instituições de Educação Infantil enquanto importantes elementos constituidores de uma determinada concepção de infância e criança.

Concluimos o texto apontando a necessidade de uma revisão nas práticas cotidianas das nossas creches e pré-escolas, já que o modelo que vem sendo implantado inibe um desenvolvimento integral da criança, adotando uma concepção de infância baseada na heteronomia, disciplina e controle.

A INFÂNCIA: CONTEXTO HISTÓRICO E COMTEMPORÂNEO

A infância e a criança por muito tempo não eram objetos de pesquisas. Mesmo depois de passar a ser analisada, a infância, não era estudada, através das relações com a escola, com a criança enquanto sujeito histórico, isto é, a relação com a sociedade.

A história da Infância seria então a história das relações da sociedade, da cultura, dos adultos com essa classe de idade e a história da criança seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade (KUHLMANN JR. *apud* PEREIRA, 2012, p. 44).

Apenas a partir do século XIX, a preocupação com a criança surge. Porém, isto não é suficiente para que a criança se tornasse um problema, que necessitasse ser investigada cientificamente. Eram poucos os pesquisadores que abordavam a infância, como objeto de estudo. Segundo Nascimento *et al* (2008) a criança era vista como adulto em miniatura, em seu modo de se comportar e de se vestir, onde a família era quase ausente no cotidiano das crianças, ficando assim a maior parte do tempo com as criadas da casa.

De acordo com o estudo realizado por Narodowski (*apud* NASCIMENTO *et al*, 2008), a infância não é apenas um fenômeno natural, mas um fenômeno histórico. Antes, a vivência era igual para todos, em todas as idades, ou seja, não havia as etapas da vida, separadas e sistematizadas, como hoje temos a infância, a adolescência, a vida adulta, inclusive definida pela legislação.

Com o passar do tempo a concepção de infância foi se modificando de acordo com acontecimentos que marcaram a sociedade, como por exemplo, a globalização, ou seja, a infância de outrora já não é como a de atualmente. Hoje, as crianças são vistas como seres sociais de direitos, que são escolarizadas a partir dos 4 anos de idade, ou são inseridas nas creches com alguns meses de vida, que participam diretamente ou indiretamente da economia do mundo, já que há uma vasta produção de produtos direcionados a essa faixa etária.

Sendo assim, foi verificado que antes do século XIX, a infância não era reconhecida como autônoma. Na Idade Média, antes de frequentar a escola, a criança e o adulto frequentavam os mesmos lugares. Ariès (*apud* NASCIMENTO *et al*, 2008) aponta, que a partir da Idade Média que as idades passaram a ter importância.

Nos séculos XIX e XX, a primeira concepção real da infância aparece. Isso ocorreu a partir do surgimento da ideia de dependência das crianças pequenas em relação ao adulto. A partir daí, começa a surgir por parte do adulto, a proteção que a criança necessitava. Neste sentido, surge o conceito de infância, a partir da ideia de proteção, cuidado e principalmente de dependência.

A criança era tida como incapaz e sem autonomia. Assim sendo, a criança passou a ser submetida a uma rígida disciplina, como meio de inserir a mesma na cultura existente. Para Durkheim (*apud* NASCIMENTO *et al*, 2008), os fios da infância se confundiam com os fios da escola, visando moralizar e disciplinar a criança.

Na contemporaneidade, o conceito de infância fica estritamente relacionado ao processo de institucionalização da educação, às mudanças ocorridas na estrutura familiar, no surgimento de teorias e estudos acerca da criança, as representações acerca da mesma, os valores e o modo de lidar com ela (SARMENTO, 2012).

Quanto à primeira questão, hoje, as crianças desde muito cedo, passam a frequentar instituições educativas, o que as insere na vivência social e cultural de seu grupo. O segundo ponto aponta as mudanças no seio da família, com modelos diferenciados, que não apenas a família nuclear composta de pai, mãe e filhos; outro aspecto dessa mudança diz respeito à saída da mulher para o mercado de trabalho, trazendo novas demandas no cuidado com os filhos, etc. Tais mudanças são acompanhadas do surgimento de estudos sobre a criança em processo de desenvolvimento, como a psicologia, a medicina e a pedagogia. Os saberes produzidos, associados às mudanças na sociedade passam a criar no interior desta, um número de normas e atitudes procedimentais acerca do como educar às crianças, apontando modos de concebê-las no interior da sociedade.

Pelo exposto é possível afirmar que a infância está em um processo de construção. Os fatores apontados acima, aliados a outros como as mídias, o crescente avanço tecnológico, a sociedade do consumo, indicam novos modos de compreendê-la, enquanto categoria social e histórica. São essas mudanças sociais que contribuem para o pensar o cotidiano das instituições educacionais, especificamente, a Educação Infantil, e as rotinas nela contidas.

ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: organizando o tempo e o espaço da infância.

A constituição das rotinas das creches e pré-escolas nos apontam grandes desafios. Estes desafios estão voltados, diretamente, para a compreensão do que venha a ser infância, e de como deve ser o desenvolvimento da criança.

A idéia central de se ter uma rotina é disciplinar as crianças, isto é, as rotinas estão postas para que as crianças se acostumem com o espaço e o tempo estabelecido. As crianças ficam condicionadas a terem determinados hábitos, que são os mesmos todos os dias. Elas precisam, portanto, acostumarem-se com tal rotina, para que não a façam de outra forma. Sendo assim, as rotinas nas creches e pré-escolas são entendidas como algo a ser seguido, e que, preferencialmente não venha a ser modificado. Segundo BARBOSA (2006, p. 151):

As crianças internalizam as rotinas: para poder merendar é preciso lavar as mãos, para ir ao pátio é preciso guardar todos os brinquedos ou materiais didáticos. Cada momento guarda uma ligação com o outro, principalmente como sequência, e não, como seria interessante, como significado.

Nas creches é comum verificar cartazes com os horários e o que deve ser feito nos momentos estabelecidos. As ações concretas são: alimentação, banho, sono e atividades livres e pedagógicas.

Durante a experiência nas creches, pudemos perceber como as rotinas estão postas e como estão sendo vivenciadas. O cuidado com o corpo (banho, alimentação e sono) é a parte que se destaca. As professoras e monitoras seguem a rotina estabelecida pela Secretaria de Educação. À hora do banho, da alimentação e do sono, são momentos “sagrados”, isto é, nada poderá atrapalhá-los. Com a rotina preenchida com as atividades de cuidados físicos e corporais (de suma importância para as crianças, sem dúvida), o tempo destinado às atividades dirigidas/livres, de leituras, jogos, rodas de diálogos, exercícios diversos, fica menos favorecido.

Nessa perspectiva é que o uso do tempo e dos espaços nas instituições de ensino devem ser pensados e discutidos. As rotinas estão repletas de significados que revelam como é compreendido o uso do tempo ao longo do dia, e dos espaços concretos, onde as crianças vivenciam suas experiências.

Nas creches e pré-escolas que abrangem o Projeto mencionado, pudemos verificar que não há espaços amplos e abertos, para que as crianças possam brincar, interagir com as outras, se desenvolverem. As crianças passam muito tempo nas salas de aula, e ficam impossibilitadas de fazerem certas atividades. Diante de tal realidade apresentamos abaixo

breves considerações a respeito do uso do tempo e o espaço nas Instituições de Educação Infantil:

- **USO DO TEMPO**

O uso do tempo, na atualidade, continua rígido e impróprio. “Os tempos de grande parte das instituições educacionais continuam, em sua maioria, sendo o tempo do início da modernidade, o tempo rígido, mecânico e absoluto” (BARBOSA, 2006, p. 141).

O uso do tempo e o do espaço pode ser compreendido como fontes de poder social, como enfatiza BARBOSA (2006, p. 140):

O tempo e o espaço podem ser analisados como fontes de poder social. Nossos modos de pensar e de conceitualizar o mundo estão estruturados no contato ativo com as especializações e as temporalizações da palavra escrita, do estudo e da produção de mapas, dos gráficos, dos diagramas, das fotografias, das imagens em movimento, dos modelos, dos quadros, dos símbolos matemáticos e assim por diante. Podemos, ao refletir sobre o espaço e o tempo, submeter-nos à autoridade e à tradição ou criar espaços particulares para a resistência e a liberdade diante de um mundo previamente medido e organizado.

A existência do tempo rígido se faz presente nas rotinas da educação infantil; esse tempo deve ser respeitado, segundo o que foi estabelecido para ser feito naquele momento, pois são momentos que fazem parte das rotinas. “A existência de uma seqüência temporal é outra característica das rotinas de educação infantil. Em geral há uma seqüência entre as atividades, a qual está previamente estabelecida e segue um padrão” (BARBOSA 2006, p. 144).

Um dos aspectos a ser discutido é o uso do relógio nas instituições de educação infantil. Esse é constante nas creches e pré-escolas. Utiliza-se o relógio como forma de controlar o tempo, para que as tarefas destinadas a cada momento do tempo, no decorrer do dia, sejam respeitadas.

São diversas as formas de justificar a preocupação com o uso do tempo. Entre estas justificativas e segundo BARBOSA (2008, p. 143), temos:

A princípio pode-se afirmar que ela gira em torno de duas temáticas básicas, que podem ser vistas como concomitantes e complementares: por um lado, a concepção de que é na infância que as crianças constroem as noções

temporais e, portanto, faz-se necessário criar circunstâncias ou situações em que elas possam estruturar-se tal noção e, por outro lado, a necessidade de organizar o trabalho com as crianças de modo a harmonizar objetivos, situações, suas características, etc.

Assim sendo, a rotina diária, não dispõe de muito tempo para realização de atividades significativas e livres. A distribuição do espaço é outro fator importante a considerar durante o trabalho com a Educação Infantil.

- **O AMBIENTE: compreendendo a organização dos espaços**

Os espaços das creches e pré-escolas são, em alguns casos, espaços que não favorecem a aprendizagem da criança.

As crianças passam muito tempo nas salas de aula. Assim sendo, deduzimos que as salas de aula, deveriam ser mais amplas, claras e arejadas. Para que a criança possa desenvolver-se nestes espaços é preciso que os mesmos estejam adequados e organizados, para acolhê-la. Segundo BARBOSA (2008, p. 120):

O espaço físico é o lugar do desenvolvimento de múltiplas habilidades e sensações e, a partir da sua riqueza e diversidade, ele desafia permanentemente aqueles que o ocupam. Esse desafio constrói-se pelos símbolos e pelas linguagens que o transformem e o recriem continuamente.

É importantíssimo considerar a importância dos espaços na construção do desenvolvimento infantil, visto que os mesmos são fundamentais e possuem grande influência nas atividades que são realizadas no dia-a-dia. “A importância do espaço na educação das crianças pequenas é ampliada quando se leva em consideração que a jornada diária nesses lugares é, muitas vezes, equivalente ao seu horário de vigília” (BARBOSA, 2008, p. 121).

Como foi apontado, a forma como se distribui o tempo e se organiza o espaço das creches e pré-escolas define uma concepção de infância e de criança. Consideramos a criança como sujeito passivo ou ativo? Como lidar com a necessidade de interação entre as crianças? Há espaço para uma vivência que priorize a ludicidade, o jogo, a brincadeira? São possibilitadas atividades onde as crianças possam se expressar de diferentes maneiras?

Tais questões anunciam a preocupação em que as Instituições de Educação Infantil sejam ambientes que privilegiem o desenvolvimento da criança a partir de sua prática social e das diferentes linguagens a que deveria ter acesso.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Ao longo do trabalho realizado no interior de algumas creches na cidade de João Pessoa, nos questionamos se as rotinas realizadas contribuem positivamente para o desenvolvimento das crianças por ela atendidas. O que valorizam ao promoverem determinada divisão dos espaços e do tempo? Que concepções de infância estão presentes?

Acreditamos que a criança se desenvolve bem, quando ela tem a oportunidade de conhecer e vivenciar diferentes formas de aprendizagem. A criança encontra-se numa fase de descobertas, e por isso precisa estar em um ambiente propício a estas descobertas. A partir do momento em que as mesmas são submetidas às formas rígidas estabelecidas pelas rotinas, elas não conseguem entender o significado do que estão fazendo. A criança, muitas vezes, não entende a interrupção que existe de um dia para o outro, com relação ao que as professoras fazem, pois a idéia é que, hoje vamos trabalhar a vogal A, e amanhã vamos trabalhar outra coisa. Não há continuidade. Segundo BARBOSA (2006, p. 149):

A repetição no dia-a-dia, nas rotinas da educação infantil, pode dar às experiências das crianças o sentido de continuidade, de ser a chave do tempo que comporta a idéia de concluir amanhã algo iniciado hoje, porém, com freqüência, esta não é a idéia das rotinas.

O foco principal das rotinas na educação infantil deveria ser voltado para o saudável desenvolvimento das crianças, englobando todos os aspectos do desenvolvimento infantil, e não, apenas, para que as crianças acostumem-se com a rotina. É preciso rever conceitos e enxergar novas formas de fazer e viver as rotinas, considerando a criança como sujeito participativo.

É preciso reconhecer que o desenvolvimento da criança depende de muitos fatores, mas que um dos seus principais, é o de considerar a importância das linguagens no desenvolvimento infantil. Segundo Cunha (2012, p.17),

As instituições de Educação infantil deveriam ser o espaço inicial e deflagrador das diferenças linguagens expressivas, tendo em vista que as crianças pequenas iniciam o conhecimento sobre o mundo por meio dos cinco sentidos (visão, tato, olfato, audição, gustação), do movimento, da curiosidade em relação ao que está à sua volta, da repetição, da imitação, da brincadeira e do jogo simbólico. No que diz respeito às linguagens

expressivas, essas são os fatores fundamentais para que elas se desenvolvam plenamente.

Nessa perspectiva é que Barbosa (2009) aponta a necessidade de trabalhar as diferentes linguagens disponíveis na sociedade e que fazem parte do universo da criança. Na educação infantil as linguagens mais enfatizadas são, principalmente, as das artes visuais, do corpo e do movimento, da música, da literatura, da linguagem oral, do letramento, da natureza e da sociedade. Tais propostas devem estar ancoradas numa concepção de criança que a compreende como ser ativo, que dialoga, propõe, participa, nega. Outrossim, tais atividades devem considerar que a ludicidade, a brincadeira, a fantasia são características próprias da infância e que não devem ser obliteradas em nome da disciplina e da ordem.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília, MEC/SEB/UFRGS, 2009.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. A importância das artes na infância. In. CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.); DULCIMARA, Lemos Lino (et al). **As artes no Universo Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

NASCIMENTO, Cláudia Terra; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fontes. **A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica**. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1394/1191>>. Acessado em: 01 de junho de 2014.

PEREIRA, Meira Chaves. **Cultura, infância, criança e cultura infantil: alguns conceitos**. Disponível em: <[http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=quaestio&page=article&op=view&path\[\]=1631](http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=quaestio&page=article&op=view&path[]=1631)>. Acessado em: 01 de junho de 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf>. Acessado em: 01 de junho de 2014.